

A ESCOLA PRIMARIA

Revista Mensal

DE

Educação e Ensino

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

SUMMARIO

—	Calendario Escolar
J. C. DA COSTA SENA	Disciplina e Castigos
CORINA BARREIROS	Crianças debeis, crianças anormaes
SEBASTIANA FIGUEIREDO	Peso especifico
MESTRE ESCOLA	Tres Palavrinhas
SEBASTIANA FIGUEIREDO	Problemas de Arithmetica
OTHELLO REIS	Educação do homem e do cidadão
OTHELLO REIS	Geographia
DEJANIRA RABOEIRA	Lingua materna

Redacção e Administração :

Rua Sete de Setembro, 174.

RIO DE JANEIRO

BRASIL

Preparados de ORLANDO RANGEL

KOLATONO	O MAIOR TONICO da fadiga nervosa, da fadiga cerebral, da depressão em geral Composição de kola fresca, malt e phosphato de sodio Licença da Saude Pu- blica n. 726	BOLDONO	Corrige a insufi- ciencia hepatica, biliar, a congestão chronica do figado dos dyspepticos e retenção biliar na vesicula BASE ; boldo, pichi e benzoato de sodio Licença da Saude Pu- blica n. 767
CASCARBONO (Cascarina Glycerinada)	Sem igual para combater a prisão de ventre habitual e a dyspepsia gastrica Reeduca o intestino Licença da Saude Pu- blica n. 96	VALERONO	Indicado contra : espasmos, hystera e accidentes nervosos ligados a este estado. BASE : valeriana fresc esterilizada e simulo Licença da Saude Pu- blica n. 767

PEQUENA HISTORIA DO BRASIL

por Francisco Vianna e Euclides Vianna

(Aprovada e adoptada no Districto Federal e em varios Estados)

Acaba de sair a 2ª, Edição, correcta e melhorada deste interessante livrinho abundantemente illustrado e com varios mappaes. As lições de historia propriamente dita, apresentada de forma muito simples, com os factos e as datas reduzidos ao minimo indispeusavel, são seguidas de leituras em que se narram lendas, factos anedoticos ou acções heroicas, que concorrem sobremaneira para despertar o interesse pela evolução de nossa patria.

Editora — Livraria Francisco Alves

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Director: ALFREDO C. DE F. ALVIM

ASSIGNATURA

Redacção: RUA 7 DE SETEMBRO, 174

Para o Brasil — Um anno.....10\$000

SUMMÁRIO:

J. C. da Costa Sena...	Calendario Escolar	Sebastiana Figueiredo ..	Problemas de Arithmetica.
Corina Barreiros.....	Disciplina e Castigos	Othello Reis	Fducação do homem e do cidadão
Sebastiana Figueiredo...	Crianças debeis, crianças anormaes.	Othello Reis	Geographia
Mestre Escola	Peso especifico	Dejanira Roboeira.....	Lingua Materna
	Tres Palavrinhas		

CALENDARIO ESCOLAR

A administração dos negocios publicos é feita principalmente por meio de pequenas medidas, na apparencia elementares e não raro minimas, quicá irrisorias, antes que por grandes surtos de idéas, por brilhantes planos e bellas palavras. É preciso que se façam, na verdade, formosos e deslumbrantes projectos, que se trombeteiem grandezas, para que em certas questões se interessem os altos dirigentes do paiz, os membros do poder legislativo e a imprensa. Mas convém não esquecer taes pequeninas providencias que são, no motor mais bem calculado, a gotta de oleo sem a qual não rodará.

Felizmente, acompanhando carinhosamente a actual gestão do dr. Fernando Azevedo no Districto Federal, temos visto que S. S. não trepida em descer frequentemente a taes minucias.

Uma dessas medidas é a relativa á fixação do calendario escolar e queremos hoje suggerir aos Snrs. Directores do ensino, não só no Districto Federal mas nas diversas unidades da Federação, a lembrança de o organizarem.

Nada mais simples, na apparencia, do que saber quando ha aula e quando não ha,

desde que aos domingos não se trabalha e que os feriados nacionaes são estabelecidos por lei. Na pratica, entretanto, surgem as complicações, para cuja solução conviria estabelecer desde o principio do anno lectivo normas inflexiveis.

Quantas vezes nesta cidade do Rio de Janeiro, em que abundam os meios de informação, se vêem os inspectores escolares e os directores de escolas atormentados pelas perguntas telephonicas:—se ha aula hoje? se o ponto é facultativo?, sem que possam em consciencia responder...

Ha a questão das quintas-feiras: quando se dá e quando se não dá aula nesse dia da semana. Ha a dos dias santificados. Ha a dos «pontos facultativos». Ha a de certos feriados nacionaes em que os professores devem comparecer para uma solemnidade determinada.

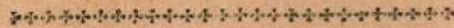
Que convém estabelecer firmemente os dias de expediente escolar, todos os professores e paes de alumnos bem o sabem, certos de quanto isso vale para a ordenação das aulas, para a disciplina e para a propria ordem domestica. Admittido, por exemplo, que as quintas-feiras são sempre consagradas ao descanso dos alumnos e do pessoal docente e á

limpeza dos edificios, será necessario fixar os dias santificados em que, respeitãdo o culto da maioria da população, as escolas não funcionam. Quanto aos «pontos facultativos» ou mesmo feriados inesperadamente decretados ou tolerados pelos governos, seria preciso adoptar uma providencia radical: ou a permissão se entende com as escolas ou não se entende. O mesmo quanto aos feriados especiaes, estaduais ou municipaes, que não raro criam duvidas.

Quer nos parecer que a fixação prévia do calendario escolar, bem estudado, e principalmente estudado com grande tolerancia para com os usos inveterados, viria facilitar extraordinariamente o traballo da administração do ensino, sobretudo do ensino primario, onde as duvidas e incertezas a esse respeito geram maiores aborrecimentos.

Questão parallela, tambem para ser resolvida, é a dos dias em que são pagos vencimentos aos professores. Esses dias não são fixos; nelles é necessario permittir a sahida dos docentes e sempre foi habito consideral-os dispensados do serviço, mas quantos prejuizos decorrem, para o ensino, da sahida ou do não comparecimento forçado de alguns professores em certo dia!

Não queremos suggerir opiniões a respeito dos problemas referidos, mas tão só lembrar que sejam estudados e estamos certos d que os directores, trabalhando em conjuncto com as autoridades mais directamente ligadas ao ensino, como os inspectores e os directores de escolas, chegariam sem difficuldade a acordar em normas accetaveis e uteis.



I — Idéas e factos

Disciplina e Castigos

A manutenção da disciplina na escola é questão interessante e delicada, proposta diariamente ao mestre.

Interessante, porque muitos factores concorrem para a indisciplina; delicada porque cada caso exige uma solução.

Punir é prerogativa sempre difficil de exercitar e, em se tratando de crianças, a difficuldade avulta.

Só a resolverá o mestre que se revestir da triplíce qualidade de hygienista, de psychologo e de juiz.

Para bem castigar é necessario conhecer a causa da falta e, sendo estas de varias ordens, differencal-as nem sempre é facil.

Regimentos e praxes não cuidam em geral de aprofundar o assumpto e d'ahi serem as penas commumente em vigor inefficazes ou contraproducentes.

São hoje muito conhecidas as causas de natureza organica, que predispoem habitualmente a criança á desatenção ou as tornam avessas ao traballo.

O mestre experimentado deve pre-

sentil as, para a encaminhar os que as padecem ao tratamento clinico.

Contra ellas nada podem as punições communs e responsabilizar quem querque seja por culpa que não lhe cabe, sobre ser inutil, é deshumano.

Outras vezes, e não poucas, reside a desatenção na falta de interesse pela lição como está sendo dada, razão sufficiente para que o professor lhe dê outra feição, tornando-a variada e attrahente.

Trabalho de auto critica, que é desnecessario encarecer.

O verdadeiro mestre tem que se sobrepor á vontade do alumno, vencer-lhe a hostilidade ou indifferença, dominar o seu espirito e fascinal-o.

Mas casos ha em que, exgottados os recursos todos, no mestre reponta necessariamente o juiz, que escolhe a pena e a gradua.

Eis uma das funcções arduas de quem ensina e que, tida por muitos como insignificante, é exercida discricionariamente.

As punições da escola, previstas em

regulamentos são invariáveis e, via de regra, impostas ao acaso.

Por isso mesmo não produzem efeito.

Os que versam assumptos de sociologia penal sabem que a chamada escola positiva preconiza um novo systema de punição, que justamente por ser humano e racional, deve se estender a toda a modalidade de faltas, das mais graves ás meramente venias.

Esta orientação condemna, por improprias, as penas fixas e apregoa que á diversidade de moveis e temperamentos deve corresponder a variedade de penas e castigos.

Assim como — raciocinam os defensores d'esta theoria, assim como não ha doenças mas doentes, cada um dos quaes reclama tratamento especial, tambem não ha delictos, entidades abstractas de pathologia social, mas individuos delinquentes, para os quaes é necessario individualizar a pena.

Doutrina integralmente verdadeira, que influencia toda a sciencia repressiva moderna.

Adaptando-a ao nosso caso : não ha indisciplina, mas indisciplinados, para cada um dos quaes é preciso instituir uma punição especial.

Esta, para ser effcaz, deve ser sensível, isto é, privar quem a soffre de um bem apreciavel.

Ora, isto varia de um individuo a outro.

Exemplificando : ao irrequieto impõe-se a immobildade ; ao indolente, trabalho activo ; ao brioso, ligeira reprimenda ; ao insensível, censura mais severa, sem falar nos casos chronicos de rebeldia, que demandam longo trabalho de reeducação.

Este foi sempre o nosso sentir, confirmado agora por uma autoridade de nota, que é ao mesmo tempo pedagogo e medico.

Quando for necessario punir—escreve—o processo que vi empregar com melhor exito é o que consiste em adaptar a punição á natureza de cada criança, de modo que lhe sirva de emenda á falta. Por exemplo : fazer correr durante dez minutos um alumno rebelde aos

exercícios physicos ; deste modo tira elle proveito da punição. (*Dr. Maurice Fleury- le corps et l'Ame de l'Efant pg. 288.*)

Isto— está claro — requer estudo acurado e conhecimento perfeito dos discipulos, quasi impossivel em classes excessivamente numerosas,

Mas, retomemos a comparação de ha pouco e extraiamos della outra consequencia : a gravidade do castigo não traz a emenda, como a violencia do remedio não determina a cura.

Só a pena adequada corrige.

Uma admoestação branda, mas commovente, tal a indole da creança, reforma e edifica mais do que duros castigos corporaes.

O ponto está em saber fazel-a.

Ha um conto de Lourget—Le Talisman—que é neste particular um prodigio de psychologia infantil.

Neste curioso episodio escolar, narrado com os lances vivos de drama authenticico, elle nos mostra como se póde transformar, pelo arrependimento, um entesinho invejoso e máo em um artista tolerante e desprendido : fazendo-lhe sentir toda a fealdade de sua acção e perdoando-lh'a.

J. C. da Costa Sena.

CRIANÇAS DEBEIS CRIANÇAS ANORMAES

(PARTE DE UMA CONFERENCIA REALIZADA NO SALÃO DA LIGA DE DEFESA NACIONAL — PELA PROFESSORA CORINA BARREIROS)

Entre os povos cultos, a educação das crianças debeis e anormaes é um thema social de importancia, um ramo da Pedagogia moderna, cuja orientação é totalmente baseada na sciencia. Já este assumpto tem sido objecto de estudo, não só na cathedra e na Imprensa, como em livros. Mas ainda estamos no periodo em formação sobre a educação dos anormaes.

Poderemos remediar o grande mal —si não nos resignarmos á fatalidade. O mundo está se reconstruindo nu.

ma organização mais alta, de justiça e de ordem. A guerra engoliu a civilização desencadeada pela força. A civilização extrae da guerra os meios de aliviar a propria guerra—para collocar o mundo nos moldes da Creação Suprema!

No campo do trabalho educativo—o Brasil já occupa posição saliente

Os brasileiros que se agrupam em organizações como estas—aqui representadas—estão empenhados na campanha da regeneração social—procurando destruir os males que perduram nas gerações.

Ao iniciarmos a serie de palestras sobre a educação dos anormaes,—urge que pensemos—em primeiro lugar—como poderemos collocar as creanças no plano das suas necessidades—afim de que, cada qual não seja um peso morto, cada qual se torne mais feliz, mais efficiente no meio onde viver.

Ainda não podemos definir a situação do Brasil em face do grande problema!

Ao Exmo. Professor Dr. Juliano Moreira—gloria da Psychiatria Brasileira e á dedicação do Exmo. Dr. Fernandes Figueira—devemos a organização do Pavilhão Bourneville para creanças pobres, annexo ao Hospital Nacional. Este pavilhão foi installado em 1903. Até então, as crianças viviam nos mesmos pavimentos dos adultos.

Salvo o pavilhão Bourneville, apenas se falla em um estabelecimento analogo que se pretende inaugurar em S. Paulo, e um outro, que a philantropia de uma bôa senhora mandou crear no Rio Grande do Sul, não ha no vasto resto do Brasil, nada de analogo em pról das creanças anormaes!

Impossivel é descrever quanto entenece, quanto conforta uma visita ao Pavilhão Bourneville!

O nosso governo com a nova orientação dada aos serviços de saude publica—tem providenciado para melhorar as condições das creanças anormaes.

O Dr. Director do Hospital Nacional tem pedidos frequentes de conselhos medicos para meninos que não se adaptam ao regimen das escolas communs. No Pavilhão Bourneville têm permanecido creanças enviadas dos estabelecimentos de ensino, para observação do

seu estado mental, tão mal se portavam ellas entre as outras creanças.

Evidente é portanto, que se forem creadas classes especiaes, ou melhor, escolas e colonias para educação racional de taes meninos, evitaremos a entrada posterior de muitos alienados chronicos para os manicomios do Estado ou o desenvolvimento de muito delinquente cujos mal feitos bem podiam ser prevenidos.

Do que em synthese affirmou o Exmo. Dr. Juliano Moreira—vê-se bem claro o papel extraordinario do mestre escola e do medico escolar na lucta pela melhor hygiene mental do paiz.

A principio, na escola primaria, ao lado do alfabeto,—deve o professor ensinar ao menino o valor da saude geral e da sanidade mental em particular. O inspector escolar tem de transformar-se de mais em mais — em psychologo — a quem incumbirá orientar no melhor sentido a capacidade do mestre,— e melhor manter não só a hygiene mental das creanças, como ainda iniciar o trabalho de preparar a ficha com o perfil psychico de cada uma, no sentido de apurar-lhe a vocação futura. Os trabalhos escolares têm de ser orientados á luz das boas acquisições no dominio da psychotechnica pedagogica moderna.

Na escola primaria, incontestavelmente se tem de aproveitar a phase de melhor plasticidade mental, *evitando sobrecarregar de ensino aos meninos normaes, moderando as tendencias acceleradoras das creanças supranormaes*, aproveitando as probabilidades de desenvolver esta ou aquella tendencia dos subnormaes, recalçando do melhor modo os maus pendoros.»

O problema da infancia anormal está preocupando os poderes publicos.

Urge pois reeducar as creanças «anormaes perfectiveis.»

Já o distincto medico—inspector escolar—Dr. Pernambuco Filho, após o seu regresso da Europa, publicou em «O Jornal» as suas impressões de viagem—estimulando os educadores para o amparo dos retardados.

Na Capital de S. Paulo alguns medicos estão intensificando o pensamento em favor das escolas de nutrição, cuja

organização ainda não existe no Brasil.

No Estado de Pernambuco os educadores estão fazendo a revisão dos tests de Binet e Simon—adaptaveis aos pernambucanos. Esse trabalho é annexo á Escola Normal—para auxiliar a educação dos anormaes.

Por enquanto—não ha em nossas escolas a classificação dos alumnos de menor valor, os quaes não foram ainda educados convenientemente. Na illustração Brasileira de 25 de Dezembro de 1921 o dr. Leoncio Corrêa publicou um trabalho com o titulo de Escolas de Aperfeiçoamento para anormaes. E o Dr. Carvalho Netto—publicando tambem o seu pensamento sobre o mesmo problema: «Pela educação dos Anormaes»—apresentou um projecto que tão sympathica e generosa acolhida obteve no meio parlamentar.

Sobre esse assumpto o Dr. Carvalho Netto tratou, em rapidos traços, resumindo o quanto disse na sessão de 14 de Outubro de 1921 na Camara dos Deputados.

Nessa epoca todos os brasileiros empenhados pela solução do problema—sentiram reanimadas as esperanças da criação de escolas para anormaes.

Estamos certos—porém—que poderemos agóra, de qualquer fórma organizar algum serviço de amparo ao referido projecto, projecto este que é ao mesmo tempo—obra da defesa moral da Patria e de aperfeiçoamento da raça.

Já ouvi de alguns brasileiros que iremos encontrar innumeradas difficuldades para a solução do grande problema. Não commentaremos aqui estas opiniões—porque, quanto a mim considero um privilegio divino estar aqui, como estive em Minas, a pedir soccorro em beneficio das creanças, promovendo meios de auxiliar ás familias que, por si sós não poderão educar as creanças anormaes.

As creanças, em toda a escola, classificadas debeis, anormaes, educaveis ou ineducaveis, creanças difficeis, anormaes,—moraes, retardados—atypicas, anormaes maiores ou menores, verdadeiro ou falso anormal, quer soffram de retardamento temporario ou sejam incuraveis—necessitam de mais apoio. Urge que taes creanças e até os adultos de menor

valor sejam collocados em um plano mais digno de sua condição e não fiquem a mercê do accaso, como elementos de disturbio a soffrerem inconscientemente—vagando pelo mundo. Quantas anomalias ou anormalidades serão curadas na infancia!!

As creanças em qualquer idade são acommettidas de nevroses e só a educação—baseada na sciencia, só a mãe competente auxiliada pelo medico e o educador dedicado, conscientes de suas responsabilidades poderão curar as suas anomalias que estiolam vidas preciosas!!

Não compete a mim, humilde collaboradora na grande campanha, discorrer aqui sobre as causas da retardação mental, das defficiencias physicas ou mentaes. Sobre esse ponto serão ouvidos os competentes.

Devemos insistir entretanto, que predominam o alcoolismo e a tuberculose. São estes, outros elementos absorventes de tantas vidas em flôr.

Não é possivel fazer uma apreciação succinta sobre a classificação dos anormaes. O nosso interesse é o cuidar das creanças e evitar que ellas permaneçam doentes e sem protecção. A classificação das creanças brasileiras terá a sua taxinomia particular. Já Demoor e Decroly provaram para cada paiz e até para cada escola, conforme o meio e a origem da creança—deve variar a nomenclatura adoptada. A taxinomia particular se baseia—ora na medicina, ora na pedagogia. Na Inglaterra por exemplo, destacam-se os idiotas—anormaes de expressão e as creanças defeituosas da mente.

Nos Estados Unidos—os atrasados escolares são apontados como atypicos e creanças excepcionaes ou ainda alumnos deficientes.

Ha sempre controversias nas classificações—porquanto é facil comprehender que as anomalias mentaes não se caracterizam só pela asthenia funcional ou organica.

Na organização de escolas para as creanças debeis torna-se necessario: 1º. Fazer o recrutamento dos alumnos anormaes perfectiveis—instaveis e retardados—excluindo os que, pelo conselho medico, devem ser internados nos hospi-

taes. 2º—Fazer a organização medico pedagogica da escola.

Devemos considerar retardados os alumnos que têm um atrazo intellectual de 3 a 5 annos em relação á creança normal da mesma idade E' tambem considerada anormal a creança que com pequena alteração intellectual, manifestar um nervosismo excessivo, uma necessidade continua de movimentos—com tendencia á indisciplina, indicios de perturbação da vontade e do caracter.

Do trabalho do Dr. Leoncio Correia—tirámss estas conclusões :

«Curando almas, guarnecendo corpos—a caridade social rasga para a humanidade a risonha perspectiva de uma indestructivel solidariedade, formada para uma aurora perenne do coração e pelo clarão immortal do espirito.»

De uma brilhante pagina com a qual o Exmo. Dr. Carneiro Leão, D. D. Director da Instrucção contribuiu, em 1923—para a solução do magno problema—conservei estas palavras :

«Hoje com o conhecimento das leis biologicas e psychicas, com o progresso da hygiene, os avanços da puericultura e da pedagogia, o verdadeiro educador devia ter sempre em vista, não só o bem estar do educando, mas o incremento das suas melhores possibilidades, para legar, mais tarde, uma descendencia sadia. E' da criança de hoje, adulto de amanhã, pae, avô, bisavô de logo mais, que vae depender a existencia inteira de gerações».

«E' aqui que tem applicação a grande palavra do evangelho : «os filhos pagarão a falta dos paes até a terceira geração»

Não se pode esperar de progenitores doentes filhos sadios e de ascendentes perfeitos descendentes malsãos.

Qual a razão de tantos nascituros deformados, monstrengos, pequenas almas penadas em organismos myrrhados e em decomposição ?»

Vêde, no Museu da Infancia, que Moncorvo Filho, numa hora de inspiração e reunindo trabalho e experiencia de uma existencia inteira, acaba de organizar, aqui no Rio. Ha, alli, uma colleção de corpinhos, envelhecido s uns deformados pela dôr, outros, em chagas varios e impressionantes todos.

A' Sociedade compete velar pelos destinos de uma gente sadia.

Já o clero americano favorece o desenvolvimento dessa pratica salutar. Em Chicago, os bispos Anderson e Sumner recusam-se a celebrar casamentos nas Cathedraes—São Paulo e São Pedro—se os noivos não trazem o indispensavel certificado de saude».

Façamos agora uma revisão sobre o historico da criação de escolas para anormaes em outros paizes —afim de nos orientarmos sobre o movimento mundial em termo do mesmo problema.

Foi em França que o sabio Itard fundou o primeiro instituto de surdos—mudos. Certamente já conheceis a historia do menino que Itard encontrou—casualmente — em uma floresta de França; — um menino que soffria as consequencias de degenerescencia. Depois de educado por Itard — o referido menino despertou a attenção geral e o methodo do notavel educador foi o alvo dos interessados na educação dos anormaes.

Citamos em segundo logar o sabio Seguin — que foi o melhor creador do tratamento pedagogico dos atrasados psychicos. Em 1847 Seguin organisou a primeira escola em Paris. Seguin fundou diversas escolas especiaes para os redardados. Em 1850 Seguin trabalhou arduosamente pela infancia.

Bourneville organisou uma grande bibliotheca de educação especial. Na Allemanha, na Suissa, na Inglaterra, Italia, Russia e em outros paizes organisaram-se internatos,—asylos, asylos escolas para idiotas, classes e turmas não só annexas a outras escolas — como em grupos independentes. Para os meninos debeis, ne idade de 14 annos a 18 annos — foram organisadas «Colonias de Trabalho» — verdadeiros lyceus profissionaes, cujo serviço foi prestado por instituições particulares de caracter philanthropico. Impossivel será repetir os feitos de todos que concorreram á solução do problema.

Dentre os livros, revistas — cartas que foram a base dos meus estudos sobre o assumpto do momento — devo lembrar os tratados de Hygiene Escolar, — trabalho de quatro medicos francezes: Chantemesee, Mosny, Mery e Genevrier — os quaes publicaram, em 1914, 22 fasciculos — cnjos capitulos versam sobre administração sanitaria — desde a

agua e clima até a hygiene individual. — Cada fasciculo offerece cerca de 300 gravuras elucidativas.

Além dos livros de Claparede, de Binet, Simon, de Lafóra, as experiencias do sabio Seguin, de Bourneville — já imitados em todos os paizes europeus e na Republica Argentina, citaremos trabalhos dos nossos patricios, Dr. Carlos Eiras e o livro do Dr. Basílio Magalhães que encontrei na Bibliotheca Nacional — onde se acham as melhores notas sobre a visita que o Dr. Carlos Eiras fez ao curso do sabio Maguin, em Paris.

Em França — a lei relativa á creação «de classes de aperfeiçoamento e de escolas autonomas» para creanças retardadas é de 15 de Abril de 1909. Estas classes recebem creanças de 6 a 13 annos. Nas escolas de aperfeiçoamento a escolaridade vae até 16 annos. Não ha admissão de creanças de sexos differentes na mesma classe. De accordo com o artigo 130 — os anormaes são assignalados ao medico e inspector especialistas, — pelos parentes e pelos medicos escolares. As creanças são então submissas a um exame mental e corporal pelo medico e inspector de classes especiaes, os quaes decidem sobre a admissão dos candidatos ás referidas classes. Os parentes são avisados e devem fornecer os esclarecimentos necessarios. Si a decisão do medico encontra opposição dos paes do alumno, o Departamento de Instrucção é avisado e toma as medidas convenientes.

Com as impressões que o Dr. Pernambuco trouxe de França — pude firmar, ainda mais — as opiniões sobre o valor dos Drs. Dufestel, Paul Boncour e Professor Leon Gautier — scientistas muito acatados na actualidade.

Dia a dia a França conta novas escolas. Em Bruxellas vão organizar patronatos mantidos por iniciativa particular — auxiliados pelo Governo onde os anormaes se instruem e aprendem um officio compativel com o meio onde vivem e com o grau de sua intelligencia.

De todos os paizes, a Allemanha tem sido o centro das melhores escolas para anormaes.

De um livro precioso do Dr. Daneman, que o Exmo. Dr. Juliano Moreira me proporcionou — tirei estas con-

clusões — embora reconheça que os educadores nos Estados Unidos, na França e em outros paizes — convergem esforços em torno do mesmo problema. Em Portugal ainda não existem asylos para retardados.

Não nos entristecemos — pois os nossos problemas, que dependem de solução immediata — são os mesmos em todos os paizes.

No Egypto ainda ha grande numero de idiotas que deixam os cabellos soltos e vivem á vontade entre as populações — são respeitados e considerados santos. Na Africa, ninguem liga importancia aos anormaes.

O primeiro instituto de surdos-mudos foi fundado em 1817.

Os religiosos têm — em alguns paizes, — cuidado dos idiotas.

De 1792-1794, o rei Jorge III, da Gran-Bretanha, autorisou um medico chinez a viajar pelas montanhas de seu paiz — onde encontrou alguns homens completamente privados da razão.

Na Australia — o primeiro Instituto para abrigar os anormaes foi fundado por Mlle. Barker — que dirigiu o primeiro Instituto Pio da Australia. Em 1906 esse Instituto contava 50 doentes. Não só neste, como nos estabelecimentos organizados na Belgica, os institutos profissionaes, domesticos e escolas nocturnas educam as creanças anormaes com processos muito interessantes: os meninos passam algumas horas a brincar — simulando que são vendedores ambulantes. As meninas — aprendem a cantar ora com as bonecas ao collo, ora lavando roupas, fazendo a limpeza da casa.

Para despertar o interesse geral pela grande causa — antes de focalisar outros pontos — apresentei em Bello Horizonte um plano que constituiu a base dos meus intuitos.

Apresentei este circulo — estabelecendo o contacto do lar e sua irradição — beneficiando tudo que se move sobre a terra. (A conferencista apresenta um circulo — em cujo centro a palavra LAR se destaca — irradiando para a circumferencia — onde os raios estabelecem a collaboração do lar com as escolas, com todas as organizações sociais e com o contacto mundial, etc.

O movimento educativo opera do

centro para a periphèria. A iniciativa ainda é a tangente na vida do lar. O lar deve ser o ponto de partida para o movimento total da humanidade.

Não ha riqueza maior para um povo educado e consciente de seus destinos — que os thesouros de virtudes accumulados pelo valor das creanças que nascem e crescem num lar bem dirigido — que promove o intercambio do bem: intercambio com a escola, contacto benefico e social — regenerador — accumulador de bençams — para a vida positiva — para a harmonia, para a felicidade, em pról da organização normal de todos os lares, em pról da verdade e da felicidade completa. Assim como a "Patria é o augmentativo de LAR" o Universo deve ser o augmentativo de Patria.

Para alcançarmos esta felicidade — declaramos ainda uma vez — que tudo depende especialmente dos agentes que concorrem para a cultura da infancia.

A sociedade que vive artificialmente tem sido a maior barreira que devemos derrubar.

Como poderemos hoje conseguir saúde nas meninas que vivem artificialmente?

Como poderemos apparentar vigor physico — si não ha fiscalisação nem inspecção rigorosa nas officinas, nos escriptorios de trabalho?

As moças que trabalham 6 e 12 horas por dia vivem longe do sol, longe da luz, sem ar puro. Percorrei algumas casas de trabalho no centro da cidade e observaes. Quantas anomalias!

Para augmentar o valor das escolas para anormaes e da propaganda pela saúde bastaria que vos descrevesse as vantagens da escola de nutrição e dietetica cujo programma será brevemente publicado com as palestras que realisámos na capital de Minas.

Acompanhei durante um anno a vida de uma senhorita allemã que ficou em minha propria residencia. Esta moça que contava 20 annos, sentindo o dominio superior dos methodos com os quaes procurei alliviar sua demencia precoce — tornou-se mais feliz. De instavel para o estado de mais calma — ella passou a acompanhar os trabalhos domesticos e no dia do seu anniversario sentiu grande alegria — porque pode fazer os doces

para o jantar e tocar piano para agradecer seus paes e as visitas.

O Dr. Pernambuco salientou tambem o augmento de valores dos atrazados em França, relatando entre outros factos, que um rapaz, tendo cursado um instituto profissional de Paris, foi educado convenientemente e tornou-se um alfaiate especialista de colletes.

Para evitar quaesquer anomalias futuras nas creanças debeis — nada mais é preciso que as creanças sejam observadas, tratadas de conformidade com as regras de hygiene, de nutrição. Innumeros escolares ficam fracos e até de desenvolvimento intellectual retardado — unicamente porque têm vegetações adenoides, que lhes impedem de respirar pelo nariz, ou porque lhes falta educação respiratoria. A bocca aberta embaraça o desenvolvimento, alonga o rosto, arqueia as costas, constringe o peito.

A respiração pelo nariz, faz bons pulmões e os bons pulmões fazem o homem bello e o homem vigoroso. Saber respirar — é assegurar as qualidades de energia, de decisão e a lucidez da intelligencia.

Toda creança deve aprender a respirar, com tanta perfeição e necessidade como aprende a caminhar.

Muitos rapazes não resistem aos exercicios physicos e não gosam os beneficios dos jogos, porque respiram mal. Sentem apenas a depressão nervosa.

Desnecessario é encarecer o valor da educação physica — principalmente diante dos meus dignos ouvintes — entre os quaes encontramos grandes e entusiastas propagandistas da vida ao ar livre, do andar a pé e da lei dos 5 copos d'agua, o copo d'agua pura!

Sabemos que as creanças levam em suas mãos o futuro da humanidade.

Li ha pouco um livro do Dr. Lorenza — dedicado ás mães. Resumi a leitura desse bello livro em algumas linhas com o titulo de:

A Mensagem do Bêbê

Diz o Bêbê: Venho ao mundo com a missão de fazer alguma cousa util para os outros.

Quero crescer para realisar essa missão.

Quereis concorrer para supprimir os males que me atacam?

Para viver necessito de minha mãe.
—Fazei o possível para que ella não seja obrigada a sacrificar o Bêbê pelo trabalho que lhe dá subsistencia.

Necessito leite puro, ar livre e exercicios. Quero viver, amar, rir e trabalhar.

Si me ajudaes agora, eu vos ajudarei amanhã—nos trabalhos que promovem o progresso do mundo.

Pensae que sou o Presente e o Futuro da Patria.

Pensae tambem que sou a vossa alegria, a vossa esperanza.

Em conclusão devemos declarar que toda a criança tem o direito de pertencer á aristocracia da saúde e da intelligencia, tem o direito de nascer com o corpo são e a mente perfeita.

E a primeira necessidade da criança é a mãe—a mãe competente.

Mas não pensemos exclusivamente nas creanças anormaes.

Pensemos tambem nos professores, nos educadores, nos intellectuaes emfim.

Os professores merecem a atenção dos medicos. E' preciso que todos nós façamos o inventario da saúde, descobrindo os meios de revigorar as energias.

A proposito—poderemos lembrar aqui, as conferencias de Grasset na Universidade de Montpellier—fazendo altos estudos sobre os intellectuaes que se esgottam annos a fio e tornam-se depois doentes.

Quantos valores prejudicados pela dedicacão excessiva do trabalho de pensamento!

Dahi temos a conclusão que não só os positivamente anormaes merecem cuidados.

Vejamos Guy de Maupassant, Comte, Rousseau, Newton, Donizetti, Baudelaire—e tantos outros que soffreram de causaçao mental.

Schumann, que nos proporcionou a deliciosa Reverie e o Carnaval foi outro que não poudé fugir ao definhamento cerebral.

E entre todas as anomalias sociaes, entre os problemas em paralelo com o deste momento—ha um outro que devo

mencionar de passagem: A mendicidade.

A pobreza real ou apparente alastra de uma fórma assustadora.

Não é possível parar numa esquina, esperar um bond sem que um mendigo nos estenda a mão, nos implore numa lamuria intraduzivel, lamuria que está em contraste com a educação do espirito deste seculo!

Augmentam consideravelmente as instituções de Beneficencia, crearam-se verbas novas e apezar disso todos pedem, todos querem organizar festas de caridade...

Mas, onde estão os recursos para sanar o grande mal?

Num momento como este de effusões ardentes—o Brasil está a pedir braços vigorosos para o trabalho no campo, onde a propria vegetação estala numa alvorada de alegria—para resoar numa orchestra de energia—para arder numa labareda immensa de esperanza, para que todos nós tenhamos, através de toda claridade a visão da vida, na exuberancia de sua plenitude.

Embora não tenha eu a palavra incendiada no calor e na belleza da nossa lingua—venho pedir carinhosamente a todos vós, queridos patricios, pedir que cada um venha contribuir para a solução dos grandes problemas do Brasil.

E—nós—carissimas collegas e amigas, antes de nos sentirmos ainda mais exauridas nas luctas actuaes, iremos intensificar a campanha em prol da criança.

A educação é trabalho que se faz até a sepultura.

O curso da nossa existencia não tem fim...

A vastidão do thema, a complexidade das questões que lhe são altinentes, os varios aspectos sob que pode ser estudado—assim no que interessa á pedagogia, como no que respeita á psychologia, tudo está a exigir uma divisão no estudo. Estou certa de que ha solidariedade entre os elementos que se alistam no prelio grandioso de amparo e regeneração da infancia anormal.

Para a solução do problema teremos necessidade de dar tres passos—antes de estabelecermos o plano definitivo.

O primeiro passo será: a organisa-

ção de um gabinete de leitura, de pesquisas para as professoras.

Segundo: a organização de um círculo de estudos para os interessados na causa, donde surgirão os educadores especialistas.

Terceiro: Contacto dos especialistas com as diversas escolas, nas quaes possam, sob a orientação do medico—observar as creanças.

Com os elementos bem aparelhados — poderemos iniciar a campanha, a principio uma campanha muito discreta, nas escolas communs.

Quando os medicos escolares e as educadoras conseguirem um archivo em

dia,—as fixas sanitarias em boa ordem, poderão as professoras] destacar sem dificuldades — quaes são as creanças normaes e as anormaes.

Não devemos desanimar em face de tantas dificuldades.

Cada qual em seus misteres, cada qual no desempenho de suas missões, poderá concorrer com o coração e com a intelligencia para a construcção total do nosso Brasil.

Tenhamos forças para fazer o trabalho por amor e pela causa.

A Cruzada que pretendemos empreender tem todo o valor de um sacrificio precioso.

Todos os professores pódem collaborar na grande campanha da tuberculose, exigindo, em sua escola o uso da escarradeira HYGÉA, de limpeza hydro utomatica sem intervenção manual.

Queiram assim comprehender os nossos professores que muito contribuirão para a formação das gerações futuras.



Collegio Cardeal Acoveade, Rua S. Christovão, n. 71, usa a Escarradeira «Hygéal»

II A Escola

Peso Específico

Têm, em geral, as crianças, dificuldade em resolver problemas sobre peso específico. Limitam-se, quasi todas, a applicar as formulas, sem justifical-as, comprehendendo muitas professoras que é isso o bastante, dada a substituição dos enfadonhos «raciocínios» pelo processo pratico e rapido das soluções raciocinadas.

A propria solução raciocinada exige, no entanto, que o alumno demonstre a razão de ser dos calculos que effectuou; do contrario ficamos sem saber se elle os effectuou por comprehensão ou palpite.

A noção de peso específico deve ser dada de modo inteiramente pratico, fazendo o proprio alumno comparar o dm^3 . dagua e o dm^3 . de qualquer corpo que se obtenha com facilidade: areia, farinha, assucar etc.

Vendo, num dos pratos da balança 1 dm^3 . dagua e no outro 1 dm^3 . de areia, vendo que a balança pende para o lado da areia, procurando o peso relativo de ambos, a criança se convence por si mesma, da densidade desse corpo.

Havendo aprendido, no 6.º anno, razões e proporções, está habilitada a fazer a comparação entre os dois pesos, a tirar por si mesma o peso específico da areia.

Foi apenas uma aula de observação. Os conhecimentos antigos serviram-lhe para o calculo, sem a minima noção nova.

Só depois disso daremos a definição de densidade e peso específico.

Dir-lhe-emos que essa comparação é feita para os solidos e liquidos, tomando-se uma determinada quantidade dagua para unidade: o dm^3 . A agua usada é a distillada, na temperatura de 4°C . Os nossos calculos, tendo sido feitos com agua commum e em temperatura ordinaria, têm, por consequente, uma qualquer differença porque não se equivalem perfeitamente em peso.

Recordemos as noções, tambem de

6.º anno, relativas ao peso e á capacidade que equivalem ao decimetro cubico de agua distillada, fazendo bem presente a correspondencia do dm^3 com o Kg. e o litro.

E', então, opportuno o 1.º problema, relativo ao que elles já resolveram:

—Qual a densidade da areia, sabendo-se que 2 litros pesam $2,^{Kg}600$?

Correspondencia: $2^1 = 2 \text{ cm}^3$.

Vão, pois, comparar o peso desses 2 cm^3 . de areia com o peso de 2 cm^3 . dagua, cousa esta que já é conhecida.

2 cm^3 . dagua pesam 2^{Kg} .

2 cm^3 . de areia pesam $2,^{Kg}600$.

Densidade da areia: $\frac{2,^{Kg}600}{2,^{Kg}} = 1,300$

2.º problema

—Qual o peso relativo de 2 dm^3 . de platina, sabendo-se que o peso específico desse corpo é 23?

Vamos explicar o que indica esse 23: qualquer porção de platina pesa 23 vezes mais do que igual porção dagua.

2 dm^3 . dagua pesam 2 Kg .

2 dm^3 de platina pesam: $2^{Kg} \times 23 =$
 $= 46 \text{ Kg}$.

3.º problema

—Qual o volume de 2 Kg . de zinco, sabendo-se que o peso específico desse corpo é 7,1?

Para os problemas em que se procura determinar o volume, é mister fazer os alumnos observarem que a relação entre o volume e a densidade é sempre inversa: maior volume, menor densidade; maior densidade, menor volume.

O zinco é mais pesado do que a agua, logo, qualquer peso desse corpo corresponde a um volume menor do que o de igual quantidade dagua; o resultado que vamos obter tem de ser, por força, menor do que 2 dm^3 que seria o volume dos 2 Kg . se fossem dagua.

Dizer que a densidade do zinco é

7,1 quer dizer que 1 dm³ desse corpo pesa 7,1 de vezes mais do que 1 dm³ d'agua e, portanto, já que 1 dm³ d'agua pesa 1 Kg, 1 dm³ de zinco pesa $1^{Kg} \times 7,1 = 7,1^{Kg}$.

Dois Kg. de zinco constituem, pois, o peso de tantos dm³. de zinco quantas vezes 2^{Kg} contiverem $7,1^{Kg}$ ou $2^{Kg} \div 7,1^{Kg} = 0,281$ dm³.

Vejamos um corpo menos pesado do que a agua. Qual o volume de 3 Hg. de cortiça se o peso especifico desse corpo é 0,24?

Peso especifico 0,24 indica que 1 dm³ de cortiça pesa $0,24^{Kg}$.

Tres Hg ou $0,3^{Kg}$ formam o peso de tantos dm³. quantas vezes $0,3^{Kg}$ contiverem $0,24^{Kg}$ ou $0,3^{Kg} \div 0,24^{Kg} = 1$ dm³ 250.

Poderemos tambem orientar esses problemas do seguinte modo:

Sendo a densidade do zinco 7,1, qualquer porção desse corpo tem volume 7,1 de vezes menor do que igual quantidade d'agua.

2 Kg. d'agua têm de volume 2 dm³.

2 Kg. de zinco têm: $2^{dm^3} \div 7,1 = 0,281$ dm³.

Creio, entretanto, menos preferivel este systema de orientação porque o alumno encontra dificuldade quando tem de achar o volume de corpos menos pesados do que a agua.

—Qual o volume de 3 Hg. de cortiça, se o peso especifico desse corpo é 0,24?

Dirá o alumno:

3 Hg ou $0,3^{Kg}$ d'agua têm de volume $0,3^{dm^3}$ 300.

A cortiça é mais leve, tem volume maior. E a multiplicação é fatal, não reflectindo que a relação entre multiplicador e producto é sempre directa e, pois, multiplicar por numero menor do que a unidade traz, consequentemente, um producto menor do que o multiplicando.

Deveria dizer:

3^{Hg} ou $0,3^{Kg}$ d'agua têm de volume $0,3^{dm^3}$ 300.

Esse volume representa os 0,24 do volume de cortiça em igual peso.

Se 0,24 $\left(\frac{24}{100} \right)$ equivale a

$0,3^{dm^3}$ 300, $0,01 \left(\frac{1}{100} \right)$ equivale a

24 vezes menos ou $\frac{0,3^{dm^3} 300}{24}$

e toda a cortiça $\left(\frac{100}{100} \right)$ equivale a

um volume 100 vezes maior ou

$\frac{0,3^{dm^3} 300 \times 100}{24} = 1^{dm^3} 250$.

Sebastiana Figueiredo.

TRES PALAVRINHAS

Dolo — Perfeitamente normal, isto é, com a vogal *o* da primeira syllaba aberta, é a pronuncia desta palavra pela maioria. Mas lá uma ou outra vez apparece quem se faça ouvir dizendo *dôlo*, erro phonetico a que não se podem emprestar fóros de uso. Trata-se de erro crasso, intoleravel, pois a pronuncia sempre foi *dôlo*. Quiz o acaso que ha bem pouco tempo me ferisse o ouvido essa palavra, erradamente proferida com o *o* fechado. Tratava-se de doutor, que se tem por erudito, o que mais me pasmou.

Introito — O mesmo doutor que me lançou o *dôlo*, não tardou muito que falasse em *introito*. Outra que tal... Jamais me fôra dado ouvir-a e grande foi a minha surpresa, pois me parecia impossivel que homem de mediana cultura em tal ponto se enganasse. Elle haveria de ter ouvido sempre, certamente, *introito*, que é como todos pronunciam. Em que teria scismado para inventar nova prosodia? Talvez pensasse em outros vocabulos terminados em *oito* (como *oito* e *biscoito*). Mas é uma analogia disparatada!

Algoz — Quanto a este vocabulo, é tambem perfeitamente geral a pronuncia *algôz*, mas não faz muito ouvi, no mesmo dia, proferirem duas pessoas cultas *algôz*. Bem sei que pairam duvidas sobre a exacta pronuncia das vogaes em

palavras derivadas da lingua arabica, por motivos que não cabe aqui explicar, mas a verdade é que a forma portugueza sempre foi pronunciada com a vogal fechada. Assim a registam os dictionarios e assim a pronunciam quasi todos. Talvez *todos* menos aquelles *dois*!

MESTRE-ESCOLA

CORREIO DE TRES PALAVRINHAS

A. R. — A tendencia simplificada é notavel, embora á maioria repugne dar o salto definitivo. Acho que a nossa unica soluçãõ ha de ser uma graphia simplificada, phonetica, que seja nossa e não portugueza. A official por-

tugueza não tem aquella simplicidade da castelhana, que logo se tornou popular. Muito mais sensata foi a de Medeiros e Albuquerque, durante algum tempo aceita pela nossa Academia. Com umas duas ou tres alterações, creio que estaria fadada ao triumpho completo.

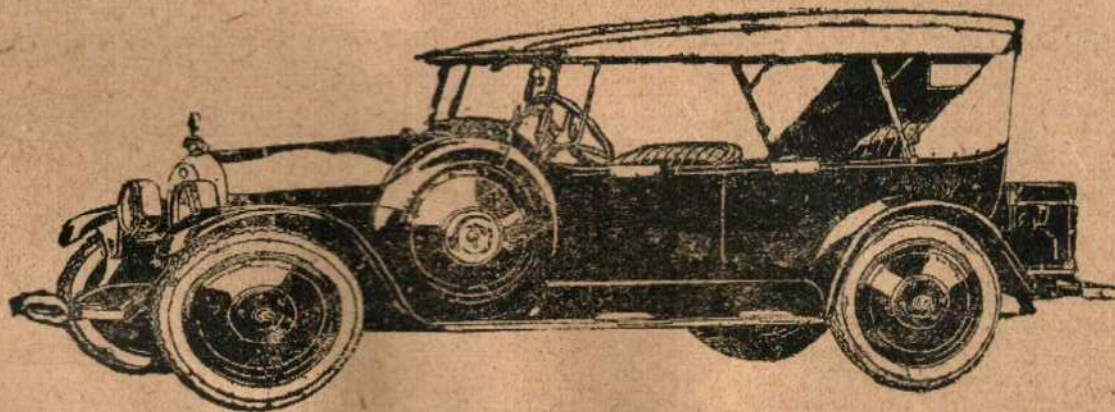
As palavras já simplificadas pelo uso são sem conta e nenhum prejuizo traz ao conhecimento da etymologia a falta de um *l* em *cavallo*. Veja, por exemplo, *slaria*, *oleiro*, etc. Quem seria hoje capaz de lhes geminar o *l*? Entretanto, a palavra original latina era *olla*, como ainda se vê em castelhano, tendo-se alterado a pronuncia do grupo das duas liquidas, que hoje soam como *lh*,

M. E.

«NASH» o carro ideal

Notavel pela sua belleza, força, commodidade, duração e economia. O carro NASH é o que mais convem para o serviço da praça, não só pelas suas qualidades como pelas vantagens que oferece aos chauffers e particulares

VENDA A LONGO PRAZO



AUTO GERAL

COMPANHIA COMMERCIAL E MARITIMA

RUA BENEDICTINOS, 1 a 7 — (Esq. da Av. Rio Branco) RIO DE JANEIRO

III Lições e Exercícios

Problemas

1º. anno

I — Meu vestido tem 3 botões em cada punho e 12 no peito. Quantos botões tem elle?

Resposta: $3 + 3 + 12 = 18$ botões

II — A mamãe de Luiza tem o quadruplo da idade da filha.

Luiza tem 6 annos. Qual a idade da mamãe?

Resposta: $6 \times 4 = 24$ annos.

III — Dei ao Paulinho a quarta parte das laranjas que eu tinha e a metade das mangas. Eu tinha 8 laranjas e 6 mangas. Quantas fructas recebeu o Paulinho?

Solução:

Laranjas: $8 \div 4 = 2$

Mangas: $6 \div 2 = 3$

Paulinho recebeu: $2 + 3 = 5$ fructas.

2º. anno

I — Gasto \$200 em bonde para ir de minha casa á escola. Que despesa fiz em Maio, sabendo-se que houve 9 dias entre domingos e feriados ou quintas feiras?

Solução racionada

Dias de aula em Maio: $31 - 9 = 22$

Despesa que tenho em 1 dia $\$200 \times 22 =$
 $= \$400$

Dinheiro gasto em passagens, em Maio: $\$400 \times 22 = 8\800 .

II — Cecy ganhou 12\$000. Comprou uma bonequinha por 9\$000 e, com o resto do dinheiro, 4 bolinhas de celluloides. Quanto custou cada bolinha?

Solução racionada.

Dinheiro com que Cecy ficou depois

de comprar a boneca: $12\$000 - 9\$000 =$
 $= 3\$000$

Preço de cada bolinha: $3\$000 \div 4 =$
 $= \$750$

III — Lucy ganhou, hontem, gráo 9 em lições oraes, 8 em exercicios escriptos e 10 em declamação. Que média obteve?

Solução racionada

Total de pontos de Lucy: $8 + 9 + 10 =$
 $= 27$

Média: $27 \div 3 = 9$

3º. anno

I — Antonio, morador do suburbio e empregado na cidade, viajou o anno passado todo nos trens da Central, com assignatura mensal de 10\$000. Quanto dispendeu em passagens de trem?

Solução racionada

Preço das 12 assignaturas, uma para cada mês:

$10\$000 \times 12 = 120\000

II — Uma passagem de 1ª classe em trem commum, de D. Pedro II á estação de Norte, em S. Paulo, importa em 46\$200. Sabendo-se que essas estações distam 499 Km., pergunta-se o preço médio da passagem por Km.

Resposta: $46\$200 \div 499 = \154 .

III — Em passagens de bonde e assignatura mensal de trem no valor de 20\$000 durante todo o anno de 1926, Augusto gastou 384\$000. Quanto deu a ganhar á Light?

Solução racionada

Despesa em passagens de trem (12 assignaturas, uma para cada mês): $20\$000 \times 12 = 240\000

Dinheiro gasto em bonde e, portanto, recolhido aos cofres da Light:

$384\$000 - 240\$000 = 144\$000$.

4º. anno

I — A população do Districto Federal é de 1.500.000 habitantes. Tendo 1.164 Km² de superficie, quantos habitantes ha, em média, em cada Km². ? (população relativa).

$$\text{Resposta: } \frac{1.500.000}{1164} = 1288,^{hb} 6.$$

II — O Brasil tem, approximadamente 36.000.000 de habitantes e 8.525.000 Km². de superficie. Qual é, em média, o nº. de habitantes por Km². ? (população relativa).

$$\text{Resposta: } \frac{36.000.000}{8.525.000} = 4,^{hb} 2.$$

III — Qual o estado relativamente mais populoso: Minas, que tem 6.000.000 de habitantes e 547.800 Km² de superficie ou S. Paulo que tem 4.600.500 habitantes e 290.800 Km². ?

Solução racionada.

População relativa, isto é, numero de habitantes por Km²., do estado

$$\text{de Minas: } \frac{6.000.000}{547.800} = 10,^{hb} 9$$

População relativa de S. Paulo:

$$\frac{4.600.500}{290.800} = 15,^{hb} 8$$

Resposta: S. Paulo.

5º. anno

I — Comprei mercadorias no valor de 285\$400. Havendo pago á vista, tive um desconto de 3%. Quanto paguei?

Solução racionada.

3% — Em 100 cousas, 3, e, portanto, 3/100 de desconto no valor das mercadorias.

$$\text{Desconto: } 3/100 \text{ de } 285\$400 =$$

$$= \frac{285\$400 \times 3}{100} = 8\$562, \text{ isto é, } 8\$600.$$

$$\text{Quantia que paguei: } 285\$400 - 8\$600 = 276\$800.$$

II — Um negociante comprou um lote de 8 peças de fazenda, cada uma com 20, m 4 por 489\$600. Vendendo-a com um lucro de 25%, qual o preço do metro?

Solução racionada.

25% — Em 100 cousas, 25, e, portanto, lucro igual aos 25/100 da quantia que gastou.

$$\text{Lucro: } 25/100 \text{ de } 489\$600 = \frac{489\$600 \times 25}{100} = 122\$400.$$

Quantia por que vendeu toda a fazenda: 122\$400 + 489\$600 = 612\$000.
Nº de metros comprados: 20, m 4 × 8 = 163, m 2.

$$\text{Preço de } 1^m : \frac{612\$000}{163,2} = 3\$750$$

III — Um negociante comprou uma peça de fazenda de 48 m por 720\$000. Vendeu 1/3 da peça sem lucro nem perda. A como deve vender cada metro restante para lucrar 25%?

Solução racionada.

Fracção que lhe resta da peça, representada toda ella por 3/3:

$$3/3 - 1/3 = 2/3.$$

Quantia que pagou pelos 2/3 da peça, importancia a receber sem perda nem lucro: 2/3 de 720\$000 =

$$\frac{720\$000 \times 2}{3} = 480\$000.$$

Lucro que deseja obter (25% ou 25/100 de toda a quantia gasta):

$$25/100 \text{ de } 720\$000 = \frac{720\$000 \times 25}{100} = 54\$400$$

Quantia por que deve vender a fazenda que tem ainda:

$$480\$000 + 54\$400 = 534\$400$$

Metros que tem a vender:

$$2/3 \text{ de } 48^m = \frac{48^m \times 2}{3} = 32^m$$

$$\text{Preço de cada um: } 534\$400 \div 32 = 15\$700.$$

6º. anno

I — Em $8\frac{4}{7}$ dias de trabalho um operario fez $\frac{3}{21}$ de uma obra de que se encarregara. Quantos dias levará para fazel-a toda?

Solução racionada.

Tempo em que fez $3/21$: $8\frac{4}{7}$ ou

$\frac{60}{7}$ de um dia de trabalho.

Tempo (menor) preciso para fazer $1/21$ do mesmo trabalho:

$$\frac{60}{7} \div 3 = \frac{60 \div 3}{7} = \frac{20}{7} \text{ do dia}$$

Nº. de dias necessarios para fazer toda a obra, representada pela fracção unidade $21/21$ (maior):

$$\frac{20}{7} \times 21 = \frac{20 \times 21}{7} = \frac{21 \times 21}{7} = 60$$

dias de trabalho.

II — Uma lamparina, accesa diariamente durante $6^h.40^m$, gasta, em 5 noites, $1/2$ litro de azeite. Em quantas noites gastará $1\frac{1}{4}$?

Solução racionada.

Consumo de azeite em uma noite:

$$1/2^l \div 5 = \frac{1}{2 \times 5} = \frac{1}{10} \text{ do litro}$$

Nº de noites em que serão consumidos $1\frac{1}{4}$ ou $\frac{5}{4}$ do litro:

$$\frac{5}{4} \div \frac{1}{10} = \frac{5 \times 10}{4 \times 1} = \frac{50}{4} \text{ da noite}$$

ou 12 noites e $2/4$, isto é, 12 noites e meia.

III — Em $7\frac{2}{4}$ um operario fez 15^m de certo muro. Quanto receberá por todo o muro, que é de $36,5$, sabendo-se que é pago a $2\$000$ á hora e que trabalha $1/3$ das horas do dia?

Solução racionada.

Tempo em que fez 15^m : $7\frac{2}{4}$ ou $30/4$ de um dia de trabalho.

Tempo (15 vezes menor) que levou a fazer 1 metro desse mesmo traba-

$$\text{lho: } 30/4 \div 15 = \frac{30 \div 15}{4} = \frac{2}{4} = \frac{1}{2} \text{ dia de trabalho.}$$

Numero dias de ($36,5$ de vezes maior) que levará fazendo $36,5$:

$$\frac{1d}{2} \times 36,5 = \frac{36,5}{2} = 18,25$$

do dia de trabalho.

Nº de horas que o operario se entrega ao serviço, por dia:

$$24^h \div 3 = 8 \text{ horas.}$$

Horas gastas com o trabalho:

$$8^h \times 18,25 = 146 \text{ horas.}$$

Quantia a que tem direito:

$$2\$000 \times 146 = 292\$000.$$

7º. anno

I — Um bloco de chumbo de forma cubica, medindo $0,32$ de aresta pesa $373,5552$. Pergunta-se a densidade do chumbo.

Solução racionada.

$$\text{Volume do bloco: } 0,32 \times 0,32 \times 0,32 = 0,032768 = 32^{dm^3} 768.$$

Peso de $32^{dm^3} 768$ de chumbo:

$$373,5552$$

Peso de $32^{dm^3} 768$ de agua:

$$32,768$$

$$\text{Densidade do chumbo: } \frac{373,5552}{32,768} = 11,4$$

II — Uma caneca cheia de azeite de oliveira pesa $1,4958$; vazia pesa $0,105$. Qual é o seu volume, sabendo-se que a densidade do azeite é $0,915$?

Solução racionada.

$$\text{Peso do Azeite: } 1,4958 - 0,105 = 1,3908.$$

Peso de $1 dm^3$. de azeite: $0,915$

$$\text{Nº de } dm^3. \text{ contidos na caneca: } 1,3908 \div 0,915 = 1,520.$$

III — Qual será o preço de $2,400$ de mercurio cuja densidade é $13,6$, sabendo-se que paguei $44\$100$ por $3,15$?

Solução racionada.

$$2,400 \text{ da agua pesam } 2,400.$$

O peso específico do mercurio seu

do 13,6 indica que qualquer porção de mercurio é 13,6 de vezes mais pesada do que a agua.

Peso de 2, ^{dm}3400 de mercurio:

$$2, \text{Kg}400 \times 13,6 = 32, \text{Kg}64.$$

Custo de 1 Kg., sabendo se que 3, ^{Kg}15 custaram 44\$100:

$$\frac{44\$100}{3, 15} = 14\$000.$$

Quantia que se deverá pagar por 32, ^{Kg}64: = 14\$000 × 32, 65 =
= 459\$960.

Sebastiana Figueiredo.

Educação do homem e do cidadão

BENS OU COISAS

Antes de entrar propriamente no estudo de varias questões attinentes á propriedade, convirá que vos dê algumas noções a respeito daquillo que em direito tem o nome de *bens* ou *coisas*, bem como de sua classificação. Esforçar-me-ei, está visto, como sempre faço, no sentido de despojar de tudo que pareça complicado, de tudo que seja excessivamente tecnico e do que não vos possa directamente interessar estas elementarissimas noções.

Chamamos em geral *bens* a todas as coisas que são susceptiveis de apropriação privada e que nos podem trazer um gozo ou beneficio proprio e exclusivo.

Nem todas as coisas, portanto, são *bens*, no sentido em que o direito emprega a palavra. Algumas ha que, embora uteis, embora nos tragam beneficio ou gozo, não podem ser sujeitas a nosso poder particular e exclusivo: são, ao contrario, communs a todos. Taes o ar, o oceano, a luz e o calor do sol, a belleza das coisas naturaes, a saude do corpo, etc. Isto, não obstante que na linguagem corrente ou usual as tratemos de nossos bens. Que grande bem é o sol! Que enorme bem a tranquillidade do espirito! Mas não são verdadeiramente *bens*, no sentido juridico, isto é, na linguagem do direito... Outras não são propriamente *bens* para cada um de nós porque se destinam ao uso e gozo da collectividade e não podem ser apropriadas por ninguem particularmente. Taes

as ruas e praças publicas, os jardins e os monumentos construidos para gozo geral do povo.

Em geral, não são *bens*, no sentido juridico, aquellas coisas que não podem ser normalmente alienadas, que não podem ser objecto de commercio. Digo-vos normalmente, porque ha tambem algumas que são *bens* mas se acham gravadas de inalienabilidade debaixo de certas condições, que depois haveis de ver.

Facil vos será achar exemplos de verdadeiros *bens*: a casa, os trastes, a roupa, etc.

Os exemplos que acabaes de ver são de coisas materiaes, mas ha tambem coisas immateriaes, que constituem *bens*. São, por exemplo, os direitos que uma pessoa pode ter, desde que sejam susceptiveis de apreciação ou avaliação em dinheiro. Os direitos que não apresentam character pecuniario não são, dentro da linguagem juridica, *bens*. Aqui vedes mais uma vez que a linguagem corrente emprega a palavra em sentido muito mais amplo, que o direito não sanciona. Assim, são *bens* o direito que posso ter de receber juros de apolices ou de dinheiro emprestado, o direito de cobrar uma quantia para que se possa executar em um theatro a musica que compuz, para que se represente a peça que escrevi, para que alguém faça um livro destes pontos que componho para vosso uso. Mas não o são o direito que me assiste de dirigir a educação de meus filhos, o de praticar a minha religião, etc.

Facilmente comprehendéis que tudo se pode afinal reduzir a direitos, porque nas proprias coisas materiaes o que nos interessa são os direitos que sobre ellas temos e que mais para adeante estudaremos.

Ao conjuncto dos bens de cada um damos o nome de *patrimonio*. Meu *patrimonio* são, pois, todas as coisas que posuo e todos os meus direitos que podem ser avaliados em dinheiro. Por mais pobre que seja uma pessoa, tem, pois, seu *patrimonio*, pois *patrimonio* e *bens* não correspondem apenas ao que na linguagem vulgar chamamos *riqueza*. Um simples alfinete, que me pertença exclusivamente, seja eu embora o mais pobre dos mortaes, é um *bem* e faz parte do meu *patrimonio*.

O estudo dos *bens* é um dos pontos mais interessantes do direito. Numerosos são os textos de lei a elles referentes, sendo principaes os que se acham compendiados no Código Civil: na Parte Geral, no Livro II, intitulado *Dos Bens*; e na Parte Especial, também no Livro II, intitulado *Do Direito das Coisas*, no Livro III e no Livro IV, respectivamente intitulados *Do Direito das Obrigações* e *Do Direito das Successões*.

A primeira coisa a estabelecer no estudo deste tão importante ponto de direito são as divisões habituaes e necessarias dos *bens*. Vamos fazel-o, muito pela rama.

Ha bens que são *corpóreos*, ou materiaes. Uma casa, um terreno, um carro, um cavallo, uma gallinha, um passaro, um livro, um lapis e até, como ha pouco vos falava, um proprio alfinete, se me pertencem, são meus bens corpóreos, pois affectam meus sentidos.

Ha os *incorpóreos*. Taes os direitos que possuímos de haver algum beneficio pecuniario. Assim, o direito de imprimir um livro, o de receber juros etc. O livro impresso, o volume, o exemplar, é um bem corpóreo; o direito de reimprimil-o e o de receber do editor uma percentagem do valor dos exemplares que vender são bens incorpóreos.

Mais importante ainda é a divisão dos bens *corpóreos* em *moveis* e *immoveis*. Esta distincção é necessaria, não para complicar o estudo, mas porque nos textos de lei vêm frequentemente allusões a ella, tratando-se, como coisa perfectamente assentada, de *moveis* e *immoveis*. A noção que vos quero dar é a mais resumida possivel, embora sobre o assumpto se pudesse, longa e longamente conversar. Um pouco mais já seria demasiado.

Bens *moveis* são, como a palavra indica, os que são susceptiveis de ser transportados de um lugar para outro, taes como os livros, os trastes, os animaes, etc. O Código diz textualmente: — “os bens susceptiveis de movimento, ou de remoção por força alheia”. Quer isto dizer bem explicitamente que os animaes são *moveis*. Chamo a attenção para isto porque, frequentemente os denominamos *semoventes*, isto é, que se movem *por si*, mas esta denominação não é mais abo-nada pelo direito actual. Tendes ouvido

falar de casas desmontaveis. Serão *moveis*? Não, porque, embora com o caracteristico essencial destes, ellas são, antes de tudo, *construcções*; e estas se acham expressamente abrangidas na categoria dos *immoveis*.

Bens *immoveis*, também chamados *bens de raiz*, são os que não se podem transportar sem alteração de sua essencia. Os *immoveis* são especificados no Código: “o solo com os seus accessorios e adjacencias naturaes, comprehendendo a sua superficie, as arvores e os fructos pendentes, o espaço aéreo e o sub-solo; tudo quanto o homem incorporar permanentemente ao solo, como a semente lançada á terra, os edificios e construcções, de modo que se não possa retirar sem destruição, modificação, fractura ou damno; tudo quanto no *im-movel* o proprietario mantiver invencionalmente empregado em sua exploração industrial, aformoseamento ou commodidade”.

Por uma ficção do direito, são também classificados como *immoveis*, como vedes, bens que deveriam ser *moveis*. Assim, a foice, as tesouras, todos os instrumentos de jardinagem e de agricultura, os animaes empregados no serviço da lavoura, são *immoveis por intenção*, ou *por destino*. Esses proprios objectos, na loja em que são vendidos, esses animaes, se não empregados no serviço do bem *im-movel*, são naturalmente considerados como *moveis*. Por que essa distincção, que vos pode parecer subtil ou pueril? E' que as leis asseguram aos *immoveis* garantias especiaes, as quaes devem abranger forçosamente o que é essencial para o uso e exploração dos mesmos.

Quanto aos direitos, são também classificados como *moveis* ou *immoveis*, conforme tenham por objecto coisas *moveis* ou coisas *immoveis*. Assim o direito de habitar uma casa, o de usufructo de um predio, isto é, de gozar de um terreno ou de um predio, sem lhe ter a propriedade, são bens *immoveis*; ao passo que o direito de receber juros de uma quantia emprestada e o direito de cobrar essa propria quantia, são bens *moveis*.

Veremos na palestra proxima outras divisões importantes dos bens.

Geographia

Neste ponto é da maior importancia rectificarmos um erro que é corrente nos compendios: o attribuir-se ao Maranhão o cabo *Gurupi*. A consulta das boas cartas da região evidencia que elle está do lado do Pará, seguindo-se-lhe, caminho de rio a dentro, *Vizeu*.

Passado o rio *Garupi*, começa o litoral maranhense, assignalando-se logo no principio do primeiro trecho o rio *Maracassumé*; o largo estuario do rio *Turiassú*, com a ponta do *Tamandú* á esquerda e a cidade de *Turiassú* ao fundo; a Bahia de *Cabellos da Velha*, com a povoação de *Cururupi*; a ponta dos *Atins*, celebre pelo naufragio, que ahi occorreu, e em que pereceu o nosso grande poeta Gonçalves Dias; a ponta *Aruoca*, a bahia de *Cumá* ou *Cuman*, que recebe o rio *Pericumán* e banha a cidade de *Guimarães*; e finalmente a ponta *Itacolomi*, com um morro notavel. Neste trecho, do *Gurupi* ao *Itacolomi*, ha uma série de ilhotas, entre ellas as que formam o archipelago de *São João*, sendo principaes as ilhas de *São João* e da *Mangunça*.

No *Itacolomi* começa a grande chanfradura ou golfão do Maranhão, que vae até a ponta dos *Mangues Seccos*. Esta vastissima chanfradura divide-se naturalmente em duas grandes bahias: a de *São Marcos* a Oeste e a de *São José* a Leste, separadas pela vasta ilha do Maranhão, e ligadas, na parte meridional desta, pelo canal que tem o nome de rio *Mosquito*.

A bahia de *São Marcos* apresenta a Oeste a ponta *Itatinga* e a cidade de *Alcantara*; a Leste a cidade de *São Luiz*, capital maranhense, na costa da ilha do Maranhão, ao fundo a larga bocca do rio *Mearim*, onde tambem é notavel o phenomeno da pororoca.

A ilha do Maranhão possui não só a capital do Estado, mas ainda varias pequenas villas e povoados diversos.

A bahia de *São José* apresenta ao fundo o rio *Itapicurú*; depois o *Monim*, e já á sahida, perto do Oceano, o *Preá*. Logo após o *Preá* apparecem as ilhas

Mariannas e de *Sant'Anna*, e finalmente a ponta dos *Mangues Seccos*, onde acaba o grande golfão maranhense.

Passada a ponta dos *Mangues Seccos* apparecem a dos *Mangues Verdes* e as extensas praias alvissimas, denominadas *Lenções*, por se assemelharem, de longe, a grandes lenções brancos estendidos á beira mar. São primeiro os *Lenções Grandes* e depois os *Lenções Pequenos*.

Terminam os *Lenções* na barra do rio *Preguiças*, e não longe se abre a barra de *Tutoia*, onde começa o delta do rio *Parnahiba*.

Possu'e o delta do *Parnahiba* numerosas ilhas, todas muito baixas e em geral inundaveis, bem como muitos canaes, igarapés e furos, alguns com o nome de rios, que as separam umas das outras. As barras que se abrem para o Oceano são as seguintes: *Tutoia*, *Carra-pato*, *Cajú*, do *Meio*, *Canarias*, e *Velha de Iguarassú*, indo o litoral o maranhense, segundo em geral se considera, até a das *Canarias*.

Na barra da *Tutoia* existe o porto do mesmo nome e na de *Iguarassú* os de *Amarração* e *Parnahiba*.

As ilhas principaes deste vastissimo delta são: *Melancieiras*, *Cajueiros*, *Paulino*, *Cajú*, *Canarias*, *Poldros*, *Eguas*, etc., pertencentes ao Estado do Maranhão, o *Grande de Santa Izabel*, que é a maior de todas, pertencente ao Piauí. Na ilha dos *Cajueiros* existe um pequeno porto, que é por onde se effectu'a a exportação maritima do Estado do Piauí.

Importa aqui lembrar que toda a região do delta é contestada pelos dois Estados ahi limitrophes, que a pretendem possuir.

O litoral piauiense, como é geralmente considerado, começa na barra das *Canarias* e estende-se até a barra do rio *Timonia*, onde tem inicio o do Ceará.

No estuario do *Timonia* vem desaguar o pequeno rio *São João da Praia*, que forma, em certo trecho do interior, a divisa entre os dois Estados, do Piauí e Ceará.

LINGUA MATERNA

1º ANNO (ADIANTADO)

EXERCICIO ORAL

A professora conversará com os alumnos sobre as—*birras e manhas*—tão communs em crianças educadas com muitos mimos e demasiadas regalias, que têm sempre os papaes dispostos a satisfazer-lhes os desejos e caprichos tôlos; incital-os a nunca serem chorões, rebeldes e incontentaveis, porque a docilidade da criança constitue qualidade primordial para que ella seja encantadora, attractiva e bella. A criança que chora frequentemente está sempre ranhosa e remelosa; seu rostinho delicado não tem a expressão da meiguice, nem seus olhos têm a expressão da vivacidade.

Terminará, escrevendo no quadro o seguinte soneto;

MANHAS

(Octacilio Gomes).

—«Irra, que já me enerva tanta manha! Chega de choro.» E dobra a choradeira, Cale a bocca Sinhô, você apanha... Não me obrigue a sahir desta cadeira.»

—«Eu quero mais um pouco de castanha!»

—«Não tem, já disse.»—«Mas eu quero»

[—Queira;
E é inutil insistir, porque não ganha;
Póde você chorar a tarde inteira.»

Preso ao enredo de um romance de Eça
A mãe vae lendo e, após um quarto de
[hora
Sinhô distrae-se e a choradeira cessa.

—«Então parou a manha?»—«Não se»

[nhora;
Eu estou descansando...» E recomeça:
—«Quero castanha assada...» E chora e
[chora...

(De um livro de Maria Rosa Ribeiro).

QUESTIONARIO—Que appellido tinha o menino da manha? Porque Sinhô chorava tanto? Que lhe dizia sua

mamãe? Ella estava zangada com razão? Que fazia a mãe de Sinhô, enquanto elle chorava? Que respondeu o menino, quando a mamãe lhe perguntou se havia acabado a manha?

ELOCUÇÃO — *Irra*— palavra que exprime raiva, aborrecimento.

enerva—mexe com os nervos.

castanha—fructa que se come assada ou cozida.

insistir—teimar, repetir.

enredo—encadeiado de factos.

romance—conto, historia, novella.

Eça—nome de um escriptor português.

quarto de hora—quinze minutos.

cessa—termina, acaba.

recomeça—torna a começar, principia de novo.

EXERCICIO ESCRIPTO

Escrever em columna:

duas palavras começadas por *a*;

duas começadas por *e*;

duas começadas por *i*;

duas começadas por *o*;

duas começadas por *u*.

Dizer, ao lado, a significação de cada uma.

Ex.:

<i>ave</i>	animal que tem o corpo coberto de pennas.
<i>arma</i>	instrumento para ferir.
<i>errado</i>	o que não está certo.
<i>escada</i>	degrãos para subir ou descer
<i>etc.</i>	etc.

2º ANNO

EXERCICIO ORAL

A professora fará os alumnos lerem a pagina 59 do livro «Leitura para o segundo anno» de Maria Rosa Ribeiro.

Terminada a leitura, chamará um alumno e guial-o-á para um exercicio de redacção oral aproveitando o assumpto do trecho lido.

Começará:

—Fulano, que é lar?

—A casa onde vivemos com nossos paes e demaes entes queridos.

—Que quer dizer segundo lar?

—Outra casa igual áquella em que vivemos com os nossos paes, nossos irmãos e demais parentes.

—Então, ha outra casa igual ao nosso lar ?

—Ha, sim senhora.

—Que nome tem esse segundo lar ?

—Escola.

—Então, a escola é...

—Um segundo lar.

—Que vão as crianças receber na escola ?

—A instrucção.

—Só ?

—E a educação tambem.

—Mas a educação já está iniciada ; quem a iniciou ?

—Os paes.

—Devemos amar a escola ?

—Sim, devemos.

—De que modo ?

—Com o mesmo amor com que amamos a nossa casa.

—Quando somos pequenos, que ensaiamos em casa, amparados por nossa mamãe ?

—Os primeiros passos.

—Que ensaiamos na escola guiados pela professora ?

—Tambem os «Primeiros passos» do saber.

—Que seres bemdictos trabalham, em casa e na escola, pelas crianças ?

—A mãe e a professora.

—Como devemos tratar esses dous seres superiores ?

—Com amor e respeito.

Terminado o dialogo, a professora pedirá a outros alumnos um resumo do que foi explicado.

EXERCICIO ESCRIPTO

Os alumnos darão cinco nomes de :

animaes domesticos.

animaes ferozes ou selvagens.

objectos escolares.

flores.

instrumentos agricolas.

instrumentos musicaes.

hortaliças.

aves domesticas.

arvores fructiferas.

3º ANNO

EXERCICIO ORAL

A professora depois da leitura, destacará do trecho lido alguns verbos e, de cada um explicará :

se representa acção que se pratica ;

se representa facto ;

se representa estado.

Depois, fazendo supprimir mentalmente esses verbos dos periodos, mostrará a influencia extraordinaria que taes elementos exercem no sentido desses periodos. Mostrará, depois, que a acção, o facto ou o estado significado pelo verbo pôde referir-se a uma ou mais pessoas, donde provem a idéa de *pessoa* e *numero*, pôde se dar em certo tempo, donde provem a idéa de *tempo* ; pôde se dar de diversos modos, donde provem a idéa de *modo*.

EXERCICIO ESCRIPTO

A professora depois de recordar os preceitos orthographicos ensinados quanto ao emprego da cedilha (a letra *c* não terá cedilha antes de *e* e *i*) ; quanto ao emprego da letra *m* antes de *b*, *p*, *n* (antes dessas tres letras não se escreve *n*) ; quanto ao emprego de *am* no fim das palavras que não são oxytonos (orgam, sotam, Estevam, Christovam) ; quanto ao emprego da letra maiuscula no principio de nomes proprios (nomes de pessoas, de paizes, de cidades, de villas, de accidentes geographicos e, ainda de seres ou cousos que nos inspiram respeito, como: Deus, Presidente, Prefeito, Director, etc.) fará o seguinte exercicio :

Dictado

A MA' OVELHA...

A escola é a casa sagrada do ensino e da educação, onde crianças ricas, pobres e remediadas se agglomeram num convívio quotidiano sob seu tecto hospitaleiro para ouvir a palavra captivante da mestra querida, cumpridora abnegada da mais honrosa e nobre missão—*ensinar*.

Nessa casa, abençoada por Deus, é commum apparecerem crianças cheias de defeitos e vicios que, não sendo bem fiscalizadas, em pouco tempo contaminam os colleguinhas incautos. Sejam todos precavidos com esses infelizes viciados, porque elles, muitas vezes, são duplamente orphans e vivem desamparados em meios perigosos, onde o mal se alastra.

E' preciso ter-se com elles cuidados

especiaes, pois, sabido é que — a má ovelha põe um rebanho a perder.

4º ANNO

EXERCICIO ORAL

A professora, depois da lição de leitura, que deve ser corrente e expressiva, escolherá no trecho lido alguns adjectivos qualificativos e pedirá aos alumnos que, de cada um, formem os grãos: *comparativo—de igualdade, de superioridade, de inferioridade*; *superlativo absoluto—synthetico e analytico*; *superlativo relativo*.

(Previamente ensinados).

Ex.:

Escolhido o adjectivo — bello — o alumno dirá:

Grão positivo—bello.

Grão comparativo { *de igualdade—tão bello como...*
de superioridade—mais bello que ou do que...
de inferioridade—menos bello que ou do que...

Grão superlativo absoluto { *synthetico—bellissimo*
analytico—muito bello

Grão superlativo relativo—o mais bello.

EXERCICIO ESCRIPTO

Resumir em prosa a poesia seguinte:

O bem

(Adelina Lopes Vieira)

Iam tres amiguinhos, tres crianças,
A caminho da escola. Um delles disse:
«Se eu estudar bastante o meu paezinho
Prometteu-me uma libra. Que festança
Farei!»

«Pois eu, responde com meiguice
O segundo «ficando bem quietinho,
Dá-me um beijo a mamãe». Diz o terceiro:
«Eu sou orpham, não tenho um seio

lamigo,
Nem pae, nem mãe, nem tecto hospita-
leiro.

Quero estudar sem outra recompensa
Que o prazer de ser bom. Ah! se o con-
[sigo!...

Fazer bem pelo bem, virtude immensa!

5º ANNO

EXERCICIO ORAL

Depois de uma leitura silenciosa feita pelos alumnos, a professora exigirá, de cada um, em linguagem corrente e correctá, o resumo do trecho lido.

Dará depois explicação sobre a *crase*, escolhendo no proprio trecho os elementos para a lição.

Elementos provavelmente encontrados: *ás, áquelle, áquellas*.

A professora dirá que a *crase* consiste na fusão de dous sons identicos. Dá-se com a preposição *a* e o artigo *a* ou ainda com a preposição *a* e o demonstrativo *aquelle* ou *aquella*, sendo a *crase* indicada pelo accento agudo.

Assim:

$a + a = á$

$a + aquelle = áquelle$

$a + aquellas = áquellas$.

EXERCICIO ESCRIPTO

Redacção

Resumir em prosa a poesia seguinte:

O anel e o dedal

(Bruno Seabra)

O anel disse ao dedal:

«Tu nunca vaes ás salas

De inveja, com razão do meu valôr te ralas.

Compra-te preço vil; mesquinho é o papel

Que fazes junto a mim,—caro, brilhante anel.»

«Traste de luxo vão, do teu valor não fales.»

O dedal respondeu: pois tu quanto vales

Nunca valeras se eu, e a agulha minha irmã,

Levassemos tambem vida ociosa e vã!!

O anel não replicou. Pura verdade ouvira

Toma, pois, um dedal em vez de anel, Elvira

Fal-o beijar a irmã de dia e ao serão;

— Verás quantos anneis taes beijos te darão.

Nota—Os alumnos prescindirão da palavra *Elvira*.

6º ANNO

EXERCICIO ORAL

Após a lição de leitura, a professora escolherá entre os verbos encontrados aquelles que melhor podem servir para a seguinte explicação:

Os verbos podem ser activos, refl

xivos e passivos, conforme representam um individuo praticando ou recebendo a acção.

Quando o verbo indica que o sujeito pratica a acção, diz-se que elle é *activo*.

Ex.:

Eu sujei o vestido.

Pedro estuda.

Quando indica que o sujeito pratica a acção em si mesmo, diz-se que o verbo é *reflexivo*.

Exs.:

Tu te arranhaste.

Elle se feriu.

Quando o sujeito soffre a acção em vez de exercel-a, o verbo é *passivo*.

Exs.:

Ella é amada por todos.

O Brasil foi descoberto em 1500.

EXERCICIO ESCRIPTO

Redacção

Composição

A MENTIRA

Direcção: — Considerar a mentira sob diversos aspectos:

— como causadora de gravissimos males, capaz de levar á ruina um castello de felicidades, portanto, abominavel e repellente;

— como consolo aos afflictos ou salvação aos culpados e, nesse caso, boa e necessaria; — como vicio dos anormaes, mentira frivola, sem objectivo algum e, portanto, condemnavel.

7º ANNO

EXERCICIO ORAL

Biographia

Silva Jardim

Antonio da Silva Jardim nasceu no anno de 1860 em Capivary no Estado do Rio de Janeiro.

Foi o maior e o mais fervoroso propagandista da Republica Brasileira. Era bacharel em direito, professor de varias materias, tendo leccionado com notavel competencia a nossa lingua na Escola Normal de S. Paulo.

Foi jornalista entusiasta, tendo publicado em varios jornaes artigos cheios de ardor patriotico do seu temperamento apaixonado.

Por vezes, combateu com energia o regimen monarchico, revelando em publico suas idéas puramente republicanas.

Os adeptos do antigo regimen, amigos devotados do Imperador, recebiam-no a pedradas e vaias e, contam até, que, certa vez, quando, em um theatro publico, Silva Jardim se preparava para falar, do palco, os adversarios atiraram-lhe enorme pedra, que por felicidade não o attingiu.

O heroe olhou serenamente para a pedra, cruzou os braços, sorriu e disse: «eis aqui, meus senhores, a primeira pedra com que se ha de construir o alicerce solido da Republica».

Morreu tragicamente em Napoles a 2 de Outubro de 1890 devorado pelo Vezuvio em erupção.

EMPREGO DAS VARIAÇÕES PRONOMINAES

A professora escreverá no quadro o trecho seguinte que os alumnos corrigirão verbalmente, substituindo as palavras gryphadas pelas variações pronominaes convenientes, dando em seguida a funcção logica de cada uma:

Alguem disse *a mim*, mostrando *a mim* um retrato: «eis o retrato de minha mãe. Reparae como seu olhar é terno e doce. Ao fitar *elle* tem-se logo a certeza de sua bondade. Ella é tão meiga! Dá *a mim* tantos beijos e acalenta *a mim* com tão captivantes carinhos que eu sinto *eu* no dever sagrado de adorar *ella*. Não perco oportunidade de manifestar *a ella* o meu profundo amor. Digo *a ella* sempre que della recebo conselhos: vou seguir *elles* e terei prazer immenso em cumprir o dever de obedecer *vós*.»

EXERCICIO ESCRIPTO

Redacção

Epistolographia

Responder á consulta que por carta vos fez um primo residente num logarejo do interior de Minas, sobre a expressão: *não tem letras, mas tem tretas*—publicada num jornaleco do logar e que o primo não soube interpretar.

Tratamento: *você*.

DEJANIRA RABOeira.

Lingua Patria

Acaba de sair dos prelos a 2ª edição do Segundo e Terceiro livros de Lingua Patria, pelo Prof. A. Joviano.

Preço de cada exemplar 5\$000.—A' venda na Livraria Francisco Alves e suas filiaes.

CASA CIRIO

GRANDE SORTIMENTO DE ARTIGOS DENTARIOS

Perfumaria e cutilaria finas
 Importação directa dos Estados Unidos e Europa

JULIO BERTO CIRIO & Comp.

RUA DO OUVIDOR, 183

END. TELEG. CIRIO
 RIO DE JANEIRO

TELEPHONE N. 1317 NORTE—CAIXA POSTAL N. 15

Elixir de

INHAME



Impurezas do sangue,
 molestias da pelle,
 syphilis adquirida
 ou hereditaria.

DEPURA - FORTALECE - ENGORDA

Tão saboroso como qualquer licor de mesa

Lic. em 17-10-914 sob o N° 253

Chocolate e café só

ANDALUZA

FABRICA

RUA DOS ANDRADAS

Rio de Janeiro

Expediente

As assignaturas d'A Escola Primaria podem ser tomadas, em qualquer epoca, pelo preço de 10\$000 por anno para o Districto Federal e para os Estados.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redacção d' A Escola Primaria — Rua 7 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro.

As colleções dos annos anteriores são vendidas na mesma Redacção ao preço de 12\$000 cada anno, em avulsos, e 13\$000 em volumes cartonados. Os pedidos de colleções pelo correio deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$000, para o registro postal.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Libero Badaró, 129

Rua da Bahia, 1052

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$600
2. Livro de Leitura.....	1\$000
3. Livro de Leitura.....	1\$000
4. Livro de Leitura.....	1\$000

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$600
2. Livro de Leitura.....	1\$500
3. Livro de Leitura.....	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1. Livro de Leitura.....	2\$000
2. Livro de Leitura.....	2\$500
3. Livro de Leitura.....	3\$000
4. Livro de Leitura.....	3\$500
5. Livro de Leitura.....	3\$500

SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica.....	1\$500
1. Livro de Leitura.....	2\$500
2. Livro de Leitura.....	3\$000
3. Livro de Leitura.....	3\$000
4. Livro de Leitura.....	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primieros Passos na Leitura...	1\$500
Cartilha.....	1\$8 0
Leitura preparatoria.....	2\$500
1. Livro de Leitura.....	2\$500
2. Livro de Leitura.....	3\$000
3. Livro de Leitura.....	3\$000
4. Livro de Leitura.....	4\$000

JOÃO KOPKE

Livro de Leitura.....	2\$000
1 Livro de Leitura.....	2\$500
2 Livro de Leitura.....	2\$500
3 Livro de Leitura.....	3\$500
4 Livro de Leitura.....	4\$000
5 Leitura Praticas.....	2\$000
Fabulas (em verso).....	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2. anno.....	2\$500
Leitura para o 3. anno.....	2\$500
Leitura para o 4. anno.....	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$500
1. Livro de Leitura.....	2\$000
2. Livro de Leitura.....	2\$000
3. Livro de Leitura.....	2\$500
4. Livro de Leitura.....	3\$000

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	3\$000
Selecta Classica.....	4\$000

ASSIS CINTRA

Pequenas Historias.....	2\$500
-------------------------	--------

O. BILAC e M. BOMFIM

Atravez do Brasil.....	4\$500
Leitura complementar.....	4\$000
Livro de composição.....	4\$000

CARMEN GILL

Instrução Civica.....	4\$000
-----------------------	--------

ALTINA DE FREITAS

Cartilha.....	2\$000
---------------	--------

ANNA CINTRA

Ensino Completo de Leitura...	1\$500
-------------------------------	--------

A. JOVIANO

Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Primeira Leitura (para adultos).	2\$000
Lingua Patria—1. Livro.....	4\$000
« « —2. Livro.....	5\$000
« « —3. Livro.....	5\$000

MARIA DO CARMO P. NEVES

Exercicios de Linguagem — (1., 2. e 3. annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem—(4. e 5. annos).....	4\$000
Exercicios de Linguagem—(6. e 7. annos).....	4\$000

MANOEL BOMFIM

Primeiras Saudades.....	4\$000
Creanças e Homens.....	3\$000

E. DE AMICIS

Coração.....	2\$000
--------------	--------

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente...	2\$500
------------------------------	--------

BILAC e C. NETTO

Contos Patrios.....	3\$500
Patria Brasileira.....	3\$500
Theatro Infantil.....	2\$500

ALBERTO DE OLIVEIRA

Céo, Terra e Mar.....	3\$5000
-----------------------	---------

Remmetemos nosso catalogo gratis, para todo o Brasil